

Pierre de Ronsard, o impenilente sedutor

50 sonelos de amor

Seleção e Tradução Sergio Duarle



Copyright © Sergio Duarte, 2009

Capa & Projeto Gráfico

Milton Fernandes

Editora Responsável

Maria Adélia Vasconcelos Barros

```
CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO-NA-FONTE | SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVRO, RJ
```

R682p

Ronsard, Pierre de, 1524-1585

Pierre de Ronsard, o impenitente sedutor : 50 sonetos de amor / Pierre de Ronsard ; seleção e tradução Sergio Duarte. – Belo Horizonte, MG : Tessitura, 2009.

136 p.; il.

ISBN 978-85-99745-20-5

r. Poesia francesa. I. Duarte, Sergio. II. Título. III. Cinquenta sonetos de amor.

09-3583.

CDD: 841 CDU: 821.133.1-1

20.07.09

22.07.09

013902

2009

Direitos desta edição reservados à

Tessitura Editora

Av. do Contorno, 5351 . 1601

30110 - 035 . BH . MG . Brasil

55.31.3262 0616

www.tessituraeditora.com.br

Para Lou, sedutora e seduzida

Sy

apresentação 9

do "primeiro livro dos amores"	
Amores de Cassandra	17
do "segundo livro dos amores"	
Amores de Maria	39
Sur la mort de Marie / Sobre a morte de Maria	54 / 55
Sonetos incluídos na edição de 1572 das "Obras" e retirados posteriormente	59
de "sonetos para Astreia"	67
do "primeiro livro de sonetos para Helena"	77
do "segundo livro de sonetos para Helena"	95
de "amores diversos"	113
de "sonetos a diversas pessoas"	131
Retrato de Pierre de Ronsard	135



apresentação

De família fidalga, Pierre de Ronsard (1524-1585) conheceu em vida a fama e a glória literária. Amigo e comensal de nobres e reis, foi considerado o príncipe dos poetas de seu tempo — "príncipe dos poetas e poeta de príncipes". Na primeira juventude foi pajem na corte e pretendia seguir a carreira militar ou a diplomacia. Aos 18 anos, porém, uma enfermidade causou-lhe surdez, obrigando-o a desistir daquelas profissões. Mais tarde recebeu a tonsura, embora não as ordens sacerdotais, e foi nomeado prior de um convento, o que lhe garantiu renda, posição social e uma vida tranquila.

Sua vasta obra compreende principalmente poemas épicos e líricos. Dentre esses últimos, são bastante conhecidos muitos dos sonetos escolhidos para este livro, cujos temas centrais são a idealização da mulher amada, a transitoriedade da juventude e da beleza e a inconstância no amor. Dai o título desta coletânea.

Nos versos do poeta francês é clara a influência de Petrarca, a quem se credita haver aperfeiçoado a forma do so-

neto decassílabo no século XIV. São inúmeras as alusões à mitologia grega e latina, e muitos dos poemas de Ronsard derivam diretamente do mestre italiano, que por sua vez muito deve a Homero, Ovídio e outros clássicos.

Ronsard é geralmente considerado como a principal figura do grupo de poetas conhecido como *la Pléiade*, do qual faziam também parte seis outros de seus contemporâneos: Joachim du Bellay, Nicolas Denisot, Rémy Belleau, Jean-Antoine de Baïf, Étienne Jodelle e Jean Dorat. O nome do grupo recorda a constelação da Plêiade, composta por sete estrelas.

Os poemas selecionados para este livro foram retirados do Volume I das Obras Completas de Pierre de Ronsard publicadas em 1993 pela editora francesa Gallimard, segundo a ordem e forma estabelecidas pelo próprio poeta na edição de 1584 intitulada *Oeuvres de P. de Ronsard, gentilhomme vandomois*.

Para a escolha dos textos, foi seguida a organização bibliográfica constante das "Obras" de Ronsard, reunidas com esse título pelo próprio autor em 1584. Foram ali incluídos também alguns sonetos publicados pela primeira vez antes daquela data, porém omitidos em diversas das edições seguintes. Tais omissões causaram discrepâncias na numeração dos poemas em relação a publicações anteriores e subsequentes. Por isso, optou-se por apresentá-los no presente volume sem referência à numeração constante em qualquer das edições existentes, mantidos, no entanto, os subtítulos dados pelo autor, nas "Obras", ao conjunto dedicado a cada inspiradora respectiva.

Para a grafia dos textos originais utilizou-se, em geral, o francês moderno. Em raros casos, por exigência da rima ou da métrica, foi conservada a forma constante da edição original acima mencionada.

Na seleção dos 50 poemas constantes deste livro – apenas uma fração da obra romântica de Ronsard – o tradutor procurou escolher sonetos representativos dos principais temas dos versos dedicados pelo poeta às mulheres que amou. Nas traduções, buscou principalmente respeitar o rigor formal do soneto renascentista, com o mínimo de prejuízo para o sentido e para a linguagem poética. Nem sempre um ou outro desses objetivos terá sido atingido.

As limitações impostas pela necessidade de observar a forma do soneto – particularmente o metro e a rima, além do imperativo de desenvolver o tema ao longo dos quatorze versos – obrigaram por vezes ao recurso a paráfrases e em alguns casos à omissão de algumas das imagens poéticas ou mitológicas utilizadas por Ronsard. Procurou-se, no entanto, manter a tradução tão próxima do original quanto possível.

Nos versos alexandrinos deve-se notar que o poeta muitas vezes não respeitou rigidamente a regra de dois hemistíquios completos de seis sílabas em cada verso. Idêntica orientação seguiu o tradutor, procurando no entanto, sempre que possível, observar a mencionada regra.

Ronsard utilizou sempre o nome próprio Amour para denominar o menino-deus do amor na mitologia grega e latina – Eros ou Cupido, respectivamente. O mesmo fez o tradutor, conservando em português o nome "Amor" em todas as ocasiões.

Algumas das principais musas de Ronsard puderam ser identificadas, como Hélène de Surgères e Cassandra Salviati, assim como Astrée e Marie. A morte desta última inspirou um dos mais belos sonetos (págs. 56-57). Essas quatro mulheres são as que deram nome às coletâneas organizadas pelo próprio autor, mas houve outras às quais o poeta dedicou também alguns de seus versos e que permanecem desconhecidas. Em alguns dos poemas surge o nome de Ana (irmã de Maria – pág. 63). Outra Maria (pág. 65) e as três "maravilhas" que ficaram anônimas (págs. 120-121) estão entre aquelas que mereceram, ainda que de forma efêmera, as homenagens de Ronsard. É provável que essas, além de muitas outras, tenham sido também homenageadas nos poemas incluídos na seção intitulada "Amores Diversos" (págs. 114-129).

Ronsard usou sua habilidade para versejar como instrumento para suas conquistas e aventuras galantes. Talvez hoje em dia novas e belas Cassandras, Marias, Astreias e Helenas, como as que lhe inspiraram sua obra amorosa, venham ainda a emocionar-se com os versos que para aquelas escreveu o incorrigível e impenitente sedutor — pois, se lhe tivesse sido possível, certamente teria dedicado versos a todas as mulheres do mundo.

Sergio Duarte Belo Horizonte, 2009 Pierre de Ronsard, o impenilente sedutor

50 sonelos de amor



do "primeiro livro dos amores"

Amores de Cassandra

Qui voudra voir comme Amour me surmonte Comme il m'assaut, comme il se fait vainqueur, Comme il r'enflamme et r'englace mon coeur, Comme il reçoit un honneur de ma honte;

Qui voudra voir une jeunesse pronte À suivre en vain l'objet de son malheur, Me vienne lire: il verra la douleur Dont ma Déesse et mon Dieu ne font conte.

Il connaîtra qu'Amour est sans raison, Un doux abus, une belle prison, Un vain espoir qui de vent nous vient paître;

Et connaîtra que l'homme se déçoit Quand plein d'erreur un aveugle il reçoit Pour sa conduite, un enfant pour son maître. Quem desejar ver como Amor me afronta, Como me ataca e sai-se vencedor Trazendo ao coração frio ou calor E de humilhar-me assim não se amedronta;

Ou ver a minha juventude pronta A em vão seguir quem mágoas vem lhe impor, Venha me ler; verá que dessa dor Minha Deusa e meu Deus não se dão conta.

Verá que Amor carece de razão: É um doce abuso, uma feliz prisão, É alimentar-se apenas de esperança;

Saberá que a ventura é fugidia Para quem tem um cego como guia E tem por seu mentor uma criança. J'espère et crains, je me tais et supplie, Or' je suis glace et ores un feu chaud, J'admire tout et de rien ne me chaut, Je me délace et mon col je relie.

Rien ne me plaît sinon ce qui m'ennuie; Je suis vaillant et le coeur me défaut, J'ai l'espoir bas, j'ai le courage haut, Je doute Amour et si je le défie.

Plus je me pique et plus je suis rétif, J'aime être libre et veux être captif, Tout je désire et si n'ai qu'une envie.

Un Promethée en passions je suis: J'ose, je veux, je m'efforce et ne puis, Tant d'un fil noir la Parque ourdit ma vie. Espero e temo, calo-me e suplico, Ora sou gelo, ora sou chama ardente, Agora alegre, agora descontente, Senhor de mim, da liberdade abdico.

Ao que aborreço com prazer me aplico, Minha bravura o coração desmente, Sem esperanças, torno-me valente, Do amor duvido mas o glorifico.

Se mais me animo, mais me faço esquivo, Se livre sou, desejo estar cativo, Tive a paixão, qual Prometeu, punida.

Tudo desejo e uma só coisa quero, Ouso, busco, fracasso e desespero: Com fio negro a Parca me urde a vida. Ange divin, qui mes plaies embâme, Le truchement et le héraut des dieux, De quelle porte es-tu coulé des cieux, Pour soulager les peines de mon âme?

Toi, quand la nuit par le penser m'enflame, Ayant pitié de mon mal soucieux, Ore en mes bras, ore devant mes yeux, Tu fais nager l'idole de ma Dame.

Demeure, Songe, arrête encore un peu! Trompeur, attends que je me sois repeu Du vain portrait dont l'appetit me ronge.

Rends moi ce corps, qui me fait trépasser, Sinon d'effet, souffre au moins que par songe Toute une nuit je puisse l'embrasser. Anjo divino, bálsamo da dor, Dos deuses és o mentiroso arauto; De que portal caíste lá do alto Dos céus, a consolar meu dissabor?

Tu, quando a noite inflama o meu ardor, Trazes, por pena de meu sobressalto, A meus braços, e ao meu olhar incauto, Da imagem dela o vulto sedutor.

Não te vás, eu te peço; espera, Sonho! Farsante, espera, enquanto eu me reponho Da ilusória visão, tão passageira.

Se de verdade aqui não posso tê-la Deixa ao menos que em sonho o corpo dela Fique em meus braços uma noite inteira. Dame, depuis que la première flèche De ton bel oeil m'avança la douleur, Et que sa blanche et sa noire couleur Forçant ma force, au coeur me firent brèche,

Je sens en l'âme une eternelle mèche Toujours flambante au milieu de mon coeur, Phare amoureux, qui guide ma langueur Par un beau feu qui tout le corps me sèche.

Ni nuit ni jour je ne fais que songer, Limer mon coeur, le mordre et le ronger, Priant Amour qu'il me tranche la vie.

Mais lui qui rit du tourment qui me poind, Plus je l'appelle et plus je le convie, Plus fait le sourd et ne me répond point. Desde, Senhora, que a primeira flecha De vossos olhos aumentou-me a dor E que deles a branca e a negra cor Vencendo-me, em meu peito abriram brecha,

Sinto em minh'alma uma perene mecha Queimando, que enche o coração de ardor A me guiar como um farol de amor Com luz que o corpo todo exausto deixa.

Vivo um só devaneio noite e dia; Meu coração se aflige e se angustia Porém Amor não ouve meu gemido,

Zomba do meu tormento e mais se esconde Quanto mais chamo, e quanto mais convido Mais se finge de surdo e não responde. Ciel, air et vents, plains et monts découverts, Tertres vineux et forêts verdoyantes, Rivages torts et sources ondoyantes, Taillis rasés et vous, bocages verts,

Antres moussus à demi-front ouverts, Prés, boutons, fleurs et herbes rousoyantes, Vallons bossus et plages blondoyantes, Et vous rochers, les hôtes de mes vers,

Puis qu'au partir, rongé de soin et d'ire À ce bel oeil adieu je n'ai su dire, Qui près et loin me détient en émoi,

Je vous supplie, Ciel, air, vents, monts e plaines, Taillis, forêts, rivages et fontaines, Antres, prés, fleurs, dites-le lui pour moi. Céus, ventos, montes, ar, campos abertos, Vinhedos e florestas verdejantes, Rios ligeiros, fontes ondulantes, Moitas sombrias, bosques descobertos,

Escuras grotas, antros entreabertos, Prados, ervas, botões, flores brilhantes, Vales, ravinas, praias deslumbrantes, Rochas, dos versos meus ouvintes certos,

Já que ao partir, de alma irada e dorida, Não pude suportar a despedida Daquele olhar que me apaixona assim,

Eu vos suplico, céus, ventos e montes, Vinhedos, rios, bosques, moitas, fontes, Prados, flores, adeus dizei por mim. Prends cette rose aimable comme toi, Qui sers de rose aux roses les plus belles, Qui sers de fleur aux fleurs les plus nouvelles, Dont la senteur me ravit tout de moi.

Prends cette rose, et ensemble reçois Dedans ton sein mon coeur qui n'a point d'ailes: Il est constant, et cent plaies cruelles N'ont empêché qu'il ne gardât sa foi.

La rose et moi différons d'une chose: Un Soleil voit naître et mourir la rose Mille Soleils ont vu naître m'amour

Dont l'action jamais ne se repose. Que plût à Dieu que telle amour, enclose, Comme une fleur, ne m'eut duré qu'un jour. Toma a adorável rosa que te oferto, Como tu, bela entre as mais belas rosas, És flor por entre as flores mais mimosas A cujo olor para o prazer desperto.

Recebe, assim, de coração aberto, Meu próprio coração, e as fervorosas Juras de amor, que chagas dolorosas Não desviaram de seu rumo certo.

Num mesmo dia nasce e morre a flor, Mil sóis viram surgir o meu amor Que não descansa e nunca se sacia:

Nisso, eu e a rosa somos desiguais. E praza a Deus que o amor que ela te traz Não dure, como a flor, somente um dia. Douce beauté, meurtrière de ma vie, En lieu d'un coeur tu portes un rocher Tu fais vif languir et déssecher, Passioné d'une amoureuse envie.

Le jeune sang qui d'aimer te convie, N'a pu de toi la froideur arracher, Farouche fière et n'as rien plus cher Que languir froide et n'être point servie.

Apprends à vivre, ô fière en cruauté: Ne garde point à Pluton ta beauté Quelque peu d'aise en aimant il faut prendre.

Il faut tromper doucement le trépas, Car aussi bien sous la terra là bas, Sans rien sentir le corps n'est plus que cendre. Doce mulher, que me matas em vida, Tens um rochedo em vez de coração: Quanto mais vês crescer minha paixão, Mais a fazes morrer, seca e abatida.

O sangue jovem, que ao amor convida, Tentou vencer tua frieza em vão; Altiva fera, que não quer senão Frígida languescer, sem ser servida.

Aprende a bem viver: deixa a crueza, Para a morte não guardes a beleza, No amor sempre há que ousar, não ser prudente.

Enganemos a morte com a doçura, Pois sob a terra, em nossa sepultura, Desfeito em cinza, o corpo nada sente. Ces liens d'or, cette bouche vermeille, Pleine de lis, de roses et d'oeillets, Et ces sourcils, deux croissants nouvelets, Et cette joue à l'Aurore pareille;

Ces mains, ce col, ce front et cette oreille, Et de ce sein les boutons verdelets, Et de ces yeux les astres jumelets, Qui font trembler les âmes de merveille,

Firent nicher Amour dedans mon sein, Qui gros de germe avait le ventre plein D'oeufs non formés qu'en notre sang il couve.

Comment vivrais-je autrement qu'en langueur, Quand une engence immortelle je trouve D'Amour éclos et couvé en mon coeur? Os dourados cabelos, a vermelha Boca feita de lírios e de rosas, Os cílios, meias-luas graciosas E a face que à de Aurora se assemelha,

As mãos, o colo, a fronte e mesmo a orelha E do seio os botões, jóias mimosas, Os olhos, do que estrelas mais radiosas, Prodígios ante os quais a alma se ajoelha,

Em meu peito teceram doce ninho Onde germinam brotos de carinho E em meu sangue as sementes da paixão.

Como viver, senão enfeitiçado Pela febre imortal, que como achado Amor me fez brotar do coração? Vu la douleur qui doucement me lime, Et qui me suit, compagne, pas à pas, Je prévois bien qu'encore je ne suis pas Pour trop aimer à la fin de ma rime.

Dame, l'ardeur qui de chanter m'anime, Et qui me rend en ce labeur moins las, C'est que je vois qu'agréable tu l'as, Et que je tiens de tes pensers la cime.

Je suis, Amour, heureux et plus qu'heureux De vivre aimé, et de vivre amoureux De la beauté d'une Dame si belle,

Qui lit mes vers, qui en fait jugement, Et dont les yeux me baillent argument De soupirer heureusement pour elle. Por essa dor, que suave me lastima, E que se fez constante companheira, E por amar demais, à derradeira Parte não chego ainda desta rima.

Senhora, o ardor que a versejar me anima E que a tarefa faz-me mais ligeira, Vem de saber a forma lisonjeira Com que a meu canto dais a vossa estima.

Mais que ditoso sou, por ser amado E por assim viver enamorado Do doce encanto de mulher tão bela,

Que de meus versos faz apreciação E que com seu olhar me dá razão De tanto suspirar de amor por ela. Amour, je prends congé de ta menteuse école, Où j'ai perdu l'esprit, la raison et le sens, Où je me suis trompé, où j'ai gaté mes ans, Où j'ai mal employé ma jeunesse trop folle.

Malheureux qui se fie en un enfant qui vole, Qui a l'esprit soudain, les effets inconstants, Qui moissonne nos fleurs avant notre printemps, Qui nous paît de créance et d'un songe frivole.

Jeunesse l'allaita, le sang chaud le nourrit, Cuider l' ensorcela, paresse le pourrit, Entre les voluptés vaines comme fumées.

Cassandre me ravit, Marie me tint pris, Jà grison à la Cour, d'une autre je m'épris: L' ardeur d'amour ressemble aux pailles allumées. Amor, não sigo mais tua enganosa estrada, Onde a razão perdi, e o rumo, e os verdes anos, Onde sempre mais vi crescerem os desenganos, E tão mal empreguei a juventude airada.

Pobre de quem confiar nessa criança alada, Impetuosa e fugaz, que nos transforma os planos Da primavera a flor nos rouba em seus enganos Enchendo-nos de fé em crença equivocada.

O sangue o amamentou, juventude o nutriu, A preguiça o matou, o cuidado o afligiu, Entre volúpias vás, qual fumo que se espalha.

Maria me prendeu, Cassandra me alegrou, Já grisalho na corte, outra me enfeitiçou: Labareda de amor é só fogo de palha.



do "segundo livro dos amores"

Amores de Maria